

O EMPRESÁRIO É MAL EDUCADO? NÍVEL DE FORMAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS DE SUCESSO NO PROGRAMA BRASIL MAIS DO SEBRAE

ARE ENTREPRENEURS POORLY EDUCATED? LEVEL OF EDUCATION AMONG SUCCESSFUL ENTREPRENEURS IN THE PROGRAMA BRASIL MAIS, SEBRAE

Vinícius Oliveira Candido*  Email: vnicius.alisc@gmail.com

Leandro Hupalo**  Email: leandrohupalo.lh@gmail.com

*Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Lages, SC, Brasil.

**Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), Caçador, SC, Brasil.

Resumo: Este artigo investiga a formação e escolarização dos empresários da Região Serrana de Santa Catarina, com o objetivo de entender como a educação recebida pode contribuir para a resolução de problemas ao longo de suas trajetórias empresariais. O estudo analisa o perfil do empreendedor, considerando aspectos como o contexto social, o ambiente político e a formação acadêmica. Utilizando o Programa Brasil Mais do Sebrae, avaliamos o desempenho financeiro de 12 empresas na região ao longo de um período de 10 meses, com base nas respostas a um questionário preenchido pelos empreendedores. Os resultados revelam um panorama positivo em relação à educação dos empresários e à economia catarinense, indicando que muitos possuem formação superior ou cursos de capacitação. No entanto, o ambiente empreendedor brasileiro ainda enfrenta desafios significativos, como questões regulatórias complexas, acesso limitado a financiamento e a necessidade de uma infraestrutura adequada. Este estudo destaca a importância de enfrentar esses obstáculos para promover um ambiente mais favorável ao empreendedorismo no Brasil, visando não apenas o fortalecimento das empresas, mas também o desenvolvimento econômico sustentável da região.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Produtividade. Educação empresarial.

Abstract: This article investigates the education and training of entrepreneurs in the Serrana Region of Santa Catarina, aiming to understand how their education may assist in problem-solving throughout their business journeys. The study analyzes the entrepreneur's profile, considering factors such as social context, political environment, and academic background. Utilizing the Brazil Mais Program from Sebrae, we assessed the financial performance of 12 companies in the region over a 10-month period, based on responses to a questionnaire filled out by the entrepreneurs. The results reveal a positive landscape regarding the education of the entrepreneurs and the economy in Santa Catarina, indicating that many have higher education or training courses. However, the Brazilian entrepreneurial environment still faces significant challenges, such as complex regulatory issues, limited access to financing, and the need for adequate infrastructure. This study highlights the importance of addressing these obstacles to foster a more favorable entrepreneurship environment in Brazil, aiming not only to strengthen businesses but also to promote sustainable economic development in the region.

Keywords: Entrepreneurship. Productivity. Business Education.

1 INTRODUÇÃO

Nem todo empreendedor atinge a satisfação e o reconhecimento que almeja, e muitos enfrentam desafios ao tentar definir ou medir seu progresso. A experiência do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) por meio do Programa Brasil Mais proporciona uma visão sobre o desenvolvimento cotidiano dos empreendedores e a forma como conduzem suas atividades. Nota-se que alguns progredem de maneira satisfatória, alcançando melhores resultados financeiros, aumentando sua participação no mercado e atingindo as metas estabelecidas. Por outro lado, outros permanecem estagnados, com seus empreendimentos no mesmo patamar inicial, sem perspectivas claras de crescimento ou diferenciação (Silva; Pereira; Guimarães, 2021; Santos *et al.*, 2022)

Motivados pela curiosidade de entender as causas dessas discrepâncias, este estudo propõe investigar a relação entre o nível de formação dos empreendedores e o desempenho financeiro das empresas participantes do Programa Brasil Mais. A questão central que orienta a pesquisa é: como o nível de formação do empreendedor influencia os resultados das empresas atendidas pelo programa? O objetivo principal é analisar o impacto do nível educacional no desempenho das empresas. Os objetivos específicos incluem (a) identificar o perfil do empreendedor, levando em consideração seu contexto social, político e nível de formação; e (b) relacionar o índice de produtividade das empresas participantes com a formação de seus empreendedores.

A Organização das Nações Unidas (ONU) destaca a importância da “Educação de Qualidade” (ODS 4), do “Trabalho Decente e Crescimento Econômico” (ODS 8) e da “Indústria, Inovação e Infraestrutura” (ODS 9) entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ONU, 2015). Esses objetivos reforçam a relevância da educação como base para capacitação, crescimento econômico e sustentabilidade. Na Região Serrana de Santa Catarina, especialmente nos municípios de São Joaquim, Bom Jardim e Urubici, há uma lacuna em relação ao conhecimento dos empreendedores sobre gestão de negócios, e este estudo busca preencher essa lacuna, analisando a influência da formação na performance

empresarial. O estudo está estruturado em cinco seções: introdução, referencial teórico, metodologia, análise e discussão dos resultados, e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender o que define um empreendedor, é necessário revisitar o contexto histórico de seu surgimento no mundo. Embora o termo "empreendedor" seja relativamente recente, o conceito como fenômeno remonta ao século XVIII, com o economista Richard Cantillon. Segundo Gomes (2011, p. 4), "tal interesse harmonizava-se com o ideário dos pensadores liberais da época, que exigiam [...] liberdade plena para que cada um pudesse tirar o melhor proveito dos frutos de seu trabalho." Para o autor, o empreendedor pode ser visto sob duas vertentes principais: aquele que busca inovação para gerar riqueza e aquele que tem um comportamento mais atitudinal, utilizando criatividade e intuição.

O Global Entrepreneurship Monitor (GEM) define o empreendedorismo como "qualquer tentativa de criação de um novo empreendimento (formal ou informal), seja uma atividade autônoma e individual, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente" (GEM, 2022, p. 3). Na prática, principalmente observada através do Programa Brasil Mais, o empreendedor pode ser definido como alguém que cria um empreendimento, formalizado ou não, de forma autônoma e individual, aplicando inovação, criatividade, atitude e intuição para desenvolver um negócio e gerar lucro.

No entanto, compreender o empreendedor requer ir além das definições conceituais, analisando também o ambiente em que ele vive, seu comportamento e sua formação educacional. Para uma compreensão mais aprofundada do perfil do empreendedor brasileiro, observa-se o ambiente sociopolítico em que ele está inserido e seu perfil demográfico.

Rocha *et al.* (2021) apontam que o ambiente sociopolítico do empreendedor envolve uma análise das literaturas sobre empreendedorismo no Brasil, ressaltando a importância de comparar o cenário nacional com o de outros países para identificar pontos fortes e fracos. O relatório GEM 2021-2022, que avalia 13 condições econômicas em 50 economias, indica que condições favoráveis

umentam a viabilidade de empreender, enquanto condições adversas limitam novos negócios (GEM, 2022).

O Quadro 1 apresenta essas condições conforme o relatório.

Quadro 1 – Condições Econômica para Empreendedorismo GEM

Indicador	Condições Econômicas – EFC's	Significado
A1	Recurso empreendedor	Relacionado à suficiência de recursos para começar um negócio ou startup
A2	Facilidade de acesso a recursos para empreender	O quão fácil é obter os recursos
B1	Políticas governamentais: suporte e relevância	As políticas governamentais possuem são relevantes e prestam suporte ao empresário?
B2	Políticas governamentais: taxas e burocracia	Quanto custa abrir um negócio/empreender e o quão objetivo são seus procedimentos
C	Programas governamentais de empreendedorismo	Existem programas de qualidade de empreendedorismo acessível ao público?
D1	Educação empreendedora na escola	Educação empreendedora na Escola Básica
D2	Educação empreendedora no pós-escola	Educação empreendedora no Ensino Superior
E	Pesquisa e desenvolvimento	Capacidade do país de tornar pesquisa em um novo negócio
F	Infraestrutura comercial e profissional	Análise da infraestrutura: são suficientes e aceitáveis para o desenvolvimento comercial e profissional?
G1	Facilidade de entrar no mercado: dinâmica de mercado	Os mercados são livres, abertos e bons para o crescimento?
G2	Facilidade de entrar no mercado: encargos e regulamentos	As regulamentações encorajam ou restringem a entrada no mercado?
H	Infraestrutura física	É suficiente e aceitável?
I	Normas culturais e sociais	Como a sociedade celebra e encoraja o empreendedorismo

Fonte: GEM (2022).

No Quadro 1 observa-se que os países com maior renda (classificados como A, B e C) apresentam as pontuações mais altas em cada indicador, com valores que variam de 0 a 10 (GEM, 2022). Entretanto, o Brasil ocupa uma posição desfavorável:

Revista Produção Online. Florianópolis, SC, v. 25, n. 1, e-5277, 2025.

entre as 50 economias analisadas, está ao lado de outras 11 que pontuam acima de 5 em apenas dois dos 13 indicadores EFC, embora o estudo não detalhe quais indicadores específicos o país atendeu satisfatoriamente. Esse cenário também se reflete no National Entrepreneurship Context Index (NECI), índice criado pelo GEM em 2018, que agrega nove desses indicadores. Em 2022, o Brasil ficou em 47º lugar entre as 50 economias, caracterizando-se como um dos ambientes menos favoráveis ao empreendedorismo (GEM, 2022).

Esse cenário ajuda a compreender as dificuldades enfrentadas para empreender no Brasil, resultado de um ambiente com poucas oportunidades e infraestrutura inadequada para novos negócios. De acordo com Rosa, Orellana e Menezes (2020), essa realidade afeta até mesmo o ensino superior, que, em muitos casos, carece de disciplinas práticas e de um foco consistente em empreendedorismo, diferentemente de outras partes do mundo.

No Brasil, é comum que os cursos se limitem ao desenvolvimento de planos de negócios, o que representa uma fração limitada da realidade empreendedora. Segundo Arruda *et al.* (2023), é preciso aumentar a oferta de disciplinas e atividades voltadas à educação empreendedora, capacitar mais professores, promover maior interação com empreendedores reais e enfatizar a prática. Essa carência, no entanto, não indica que o ensino superior deixa de preparar para o mercado de trabalho nem que o estudo do empreendedorismo é inexistente; trata-se de uma dificuldade estrutural no ambiente empreendedor brasileiro.

Para focar na realidade local, restringe-se o estudo ao ambiente educacional das cidades atendidas pelo Programa ALI. Conforme a Sinopse Estatística da Educação Superior de 2021 (Brasil, 2020), compilada pelo Censo da Educação Superior, não há registro de Instituições de Ensino Superior (IES) em municípios catarinenses como São Joaquim, Bom Retiro, Urubici e Bom Jardim, sendo Lages a cidade mais próxima com três unidades. Sabe-se, contudo, que há algumas IES nas cidades mencionadas que não estão contabilizadas, como a Uniasselvi em São Joaquim.

De acordo com o Instituto SEMESP, no 13º Mapa do Ensino Superior, a Região Serrana conta com apenas nove IES, sendo a região com menor número de

matrículas, tanto em instituições públicas quanto privadas. Os cursos mais procurados são Direito e Administração (SEMESP, 2023).

Além disso, os municípios atendidos apresentam indicadores de educação básica entre os mais baixos do Estado. Dados da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina mostram que as notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para o ensino médio na rede pública local são, no máximo, 3,9 em uma escala de 10; a média estadual também não ultrapassa a nota 5 (Santa Catarina, 2023). Outro aspecto relevante é o número de matrículas em educação profissional, fator que impacta diretamente a qualificação dos colaboradores nas empresas. Em 2022, cidades como São Joaquim, Urubici, Bom Jardim e Urupema registraram até 270 matrículas nesse nível de ensino, colocando-se no patamar mais baixo do Estado (Santa Catarina, 2023).

Antes de concluir essa seção, é relevante analisar alguns dados sobre o desenvolvimento econômico catarinense. A economia local é formada por uma rede interligada de agentes que produzem, vendem e compram; logo, a circulação de dinheiro depende das condições econômicas da região. Em âmbito nacional, entre agosto de 2022 e abril de 2023, quando o Programa Brasil Mais esteve ativo, a economia apresentou um crescimento moderado. Segundo o Boletim de Indicadores Econômicos-Fiscais da Secretaria de Planejamento de Santa Catarina (Santa Catarina, 2023), a economia brasileira cresceu a uma taxa anual de 3,3% entre março de 2022 e março de 2023, com destaque para a agropecuária, que registrou alta de 6%. A indústria cresceu 2,4% e os serviços 3,9%, enquanto o comércio registrou um crescimento mais discreto, de 1,8% (Santa Catarina, 2023).

Nesse período, a economia catarinense registrou um crescimento de 5%, impulsionado principalmente pelo setor agropecuário, que expandiu 10,3%. O setor de serviços também teve um crescimento significativo de 5,4%, com destaque para serviços prestados às famílias (21,1%), transportes (6,4%), serviços de informação (10,9%) e administração pública (12,9%) (Santa Catarina, 2023). O setor de turismo, relevante para a região atendida pelo ALI, contribuiu substancialmente para a economia estadual, com um aumento de 25,1% no índice de volume de atividades turísticas nos 12 meses anteriores a março de 2023. Esse crescimento também se

refletiu na taxa de desocupação do estado, que ficou em 3,6% ao final do período analisado (Santa Catarina, 2023).

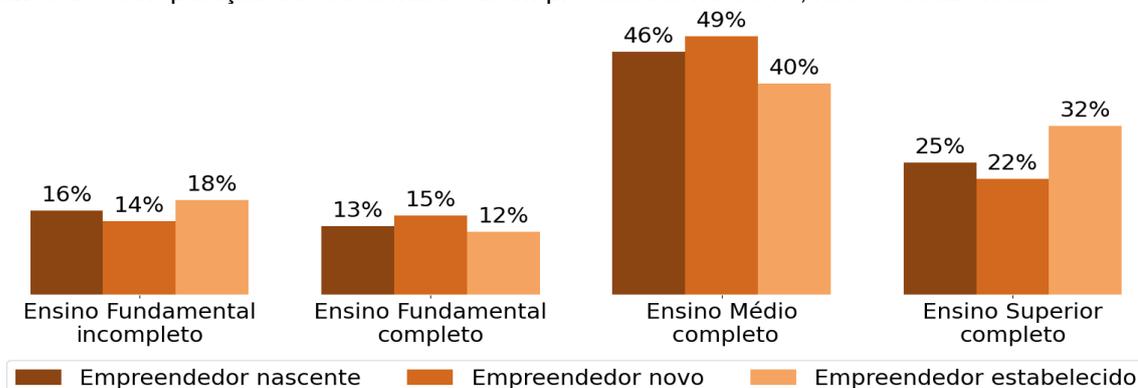
Finalmente, o perfil do empreendedor brasileiro, conforme o relatório Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo do GEM, ajuda a traçar um panorama individual. Os empreendedores são classificados pelo tempo de operação do negócio: empreendedores nascentes (até 15 meses), novos (de 3 meses a 3 anos) e estabelecidos (mais de 3 anos). Em 2022, esses grupos somavam mais de 42 milhões de pessoas, ou cerca de 20% da população brasileira, com a maior parcela composta por empreendedores novos (GEM, 2022).

Quanto ao perfil sociodemográfico, os empreendedores no Brasil são majoritariamente homens, com idades entre 25 e 54 anos, renda entre 3 e 6 salários-mínimos, e autodeclarados pretos ou pardos (GEM, 2022). A escolaridade desses empreendedores varia entre ensino fundamental completo, médio completo e superior completo.

Esse contexto socioeconômico e educacional da região estudada evidencia tanto as dificuldades para empreender quanto as limitações em educação e qualificação profissional, o que impacta o ambiente de negócios local e o desenvolvimento econômico mais amplo. Estudos como de Moraes *et al.* (2023) e Castro-Alves *et al.* (2022) discutem como a educação empreendedora em contextos socioeconomicamente desfavorecidos no Brasil pode influenciar as oportunidades de negócios e a capacidade de inovação dos empreendedores.

O Gráfico 1 apresenta uma comparação entre a escolaridade do empreendedor nascente, novo e estabelecido.

Gráfico 1 – Comparação da escolaridade do empreendedor nascente, novo e estabelecido



Fonte: os autores (2023).

O Gráfico 1 revela que a maioria dos empreendedores nascentes, com até 15 meses de atividade, possui Ensino Médio completo, enquanto 25% têm Ensino Superior completo. Entre os empreendedores com até 3 anos de negócio, 49% têm Ensino Médio e 22% Ensino Superior. Para os empreendedores estabelecidos, com mais de 3 anos de atividade, a taxa de Ensino Médio completo é de 40%, e a proporção de indivíduos com Ensino Superior completo aumenta para 30%, indicando um crescimento na escolaridade ao longo do tempo.

Nesse sentido, percebe-se uma relevância maior de empreendedores, iniciais e estabelecidos, com formação de Ensino Médio completo e de Nível Superior completo. Os resultados dos seus empreendimentos não foram estudados, pois o relatório observa apenas os dados sociodemográficos. Com esse intuito, os próximos passos deste artigo serão para comparar o nível educacional dos empresários atendidos com o resultado obtido pelas suas empresas no Projeto Agente Local de Inovação, do Sebrae, focalizando o estudo na região atendida da Serra Catarinense.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para aprofundar a análise do relacionamento entre o nível educacional dos empresários e os resultados empresariais, este estudo incorpora uma pesquisa exploratória. Conforme descrito por Gerhardt *et al.* (2009), uma pesquisa exploratória pode incluir “entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado”. Neste caso, foi utilizada uma abordagem de *survey* para capturar as percepções da amostra selecionada.

O *survey* foi realizado por meio de um questionário, elaborado pelo próprio Agente Local de Inovação (ALI), com o objetivo de identificar o nível de formação e escolaridade dos empresários da região. O questionário foi aplicado online através do Google Formulário, permitindo que os empresários respondessem às questões de forma prática, enquanto o agente podia acompanhar e analisar os resultados em tempo real, baseado em estudos como de Itelvino *et al.* (2019) e Santos *et al.* (2022).

Segundo Hupalo e Beilke (2024), o Programa Brasil Mais Produtividade, destacado como uma das principais iniciativas de extensão no mundo em relação ao empreendedorismo de pequenos e médios negócios, possui uma significativa importância ao ser oferecido gratuitamente, acompanhado por um Agente Local de Inovação (ALI). Segundo Hupalo e Hulse (2024), este programa se destina a implementar ações e estratégias ágeis e de alto impacto para aprimorar a produtividade das empresas, através da introdução de inovações que visam aumentar o faturamento ou reduzir os custos operacionais.

A amostra foi composta por todos os participantes do Programa Brasil Mais, em seu primeiro ciclo de atendimento. O Programa Brasil Mais contempla o suporte a pelo menos 25 empresas da região serrana, distribuídas em ciclos de 6 meses de duração. Para esta pesquisa, o ALI selecionou empresas situadas nas cidades de Urubici, Bom Jardim da Serra e São Joaquim, todas com proprietários ou gestores participantes do Programa Brasil Mais, totalizando 25 empresários.

A Figura 1 apresenta a região de localização das empresas dos empresários que participaram do estudo.

Figura 1 – Localização das empresas dos empresários participantes do estudo



Fonte: os autores (2023).

A coleta de dados visou compreender a relação entre o nível educacional dos gestores e os resultados obtidos por suas empresas. A análise focou-se em verificar se empresas cujos gestores possuem um nível educacional mais elevado demonstraram melhores desempenhos empresariais, com um aumento positivo no Indicador de Produtividade ao final do ciclo. A pesquisa, portanto, buscou investigar se o nível educacional impacta diretamente nos resultados de produtividade das empresas, utilizando os dados coletados para uma análise comparativa entre escolaridade e desempenho empresarial.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção apresenta o perfil dos empresários atendidos pelo projeto. Durante o ciclo, foram cadastradas 25 empresas, das quais 19 concluíram o processo, resultando em 12 respostas ao questionário aplicado.

O questionário foi composto por 10 perguntas, elaboradas para traçar o perfil dos empresários atendidos com base nas características identificadas pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2022). Das 12 respostas, 8 foram de mulheres e 4 de homens, com idades variando entre 20 e 35 anos e acima de 60 anos. As empresas que responderam estão localizadas nas cidades de São Joaquim, Bom Jardim da Serra e Urubici, todas na região serrana de Santa Catarina.

O Quadro 2 apresenta uma visão inicial sobre o perfil demográfico dos empresários e suas empresas.

Quadro 2 – Relação de empresas estudadas, segmentos e anos de estabelecimento e escolaridade

Empresa	Segmento	Tempo de atuação empresarial	Escolaridade
A	Turismo e Hotelaria	+3 anos	Ensino Superior Completo
B	Turismo e Hotelaria	Até 15 meses	Ensino Superior Completo
C	Construção e Imobiliária	+3 anos	Ensino Superior Incompleto
D	Fotografia e Mídias	+3 anos	Ensino Médio Completo
E	Auto Elétrica	Até 15 meses	Ensino Superior Incompleto
F	Veterinária	+ 3 anos	Ensino Superior Completo

G	Gastronomia	+3 anos	Ensino Médio Completo
H	Turismo e Hotelaria	+3 anos	Ensino Superior Completo
I(A)	Restaurante / Gastronomia	+3 anos	Ensino Superior Completo
I(B)	Restaurante / Gastronomia	+3 anos	Ensino Superior Completo
J	Veterinária e Varejo	3 meses a 3 anos	Ensino Superior Incompleto
K	Turismo e Hotelaria	3 meses a 3 anos	Ensino Médio Incompleto

Fonte: os autores (2023).

O Quadro 2 categoriza as empresas pelo tempo de atuação e pelo nível de escolaridade dos empresários. A maioria, totalizando 8 empreendedores, é classificada como estabelecida, com mais de 3 anos de atividade. Os outros 4 são empreendedores iniciais, sendo dois novos (3 meses a 3 anos) e dois nascentes (até 15 meses). Em termos de escolaridade, há diversidade, com níveis que vão do Ensino Médio Incompleto ao Ensino Superior Completo. O questionário também investigou a participação em cursos e capacitações, permitindo um aprofundamento na formação dos empreendedores.

Para a análise dos resultados empresariais, considerou-se também o indicador de produtividade das empresas atendidas. Esse índice, criado pelo Sebrae para o Programa Brasil Mais, mede o desempenho considerando o faturamento bruto, os custos variáveis e o número de colaboradores da empresa (Sebrae, 2022). A produtividade é calculada em dois momentos: a primeira medição ocorre na Mensuração Inicial (t0) e a segunda na Mensuração Final (tf).

A Tabela 1 detalha a variação da produtividade, conforme metodologia do programa, das empresas atendidas ao longo do ciclo.

Tabela 1 – Mensuração inicial (t0) e mensuração final (tf) da produtividade das empresas

Empresa	Produtividade Inicial (t0)	Produtividade Final (tf)
A	R\$ 6.324,03	R\$ 13.233,90
B	R\$ 7.054,08	R\$ 7.642,56
C	R\$ 6561,83	R\$ 12.142,73
D	R\$ 4.657,16	R\$ 3.725,76
E	R\$ 5.747,08	R\$ 6.881,81

F	R\$ 7.816,38	R\$ 4.780,55
G	R\$ 4.470,35	R\$ 3.415,62
H	R\$ 1.752,56	R\$ 4.862,99
I	R\$ 4.867,81	R\$ 4.431,48
J	R\$ 3.814,95	R\$ 8.150,53
K	R\$ -	R\$ 3.369,17

Fonte: os autores (2023).

Embora a Tabela 1 traga informações importantes para entender o contexto das empresas, ainda não é suficiente para conclusões definitivas sobre os resultados. Para sintetizar o estudo, o Quadro 3 reúne todas as informações coletadas dos empresários. Em vez dos valores específicos de produtividade de cada empresa, foi indicado apenas o grau de mudança observado, ou seja, se houve aumento ou redução na produtividade.

Quadro 3 – Segmento, anos estabelecidos, escolaridade e grau da produtividade das empresas

Empresa	Segmento (anos estabelecidos)	Curso ou Especialização	Escolaridade	Produtividade
A	Turismo e Hotelaria (+3a)	Especialização em Marketing	Ensino Superior Completo	109%
B	Turismo e Hotelaria (15 m)	Não possui	Ensino Superior Completo	8%
C	Construção e Imobiliária (+3a)	Não possui	Ensino Superior Incompleto	85%
D	Fotografia e Mídias (+3a)	Curso Empretec	Ensino Médio Completo	-20%
E	Auto elétrica (15m)	Não possui	Ensino Superior Incompleto	19%
F	Veterinária (+3a)	Especialização	Ensino Superior Completo	-39%
G	Gastronomia (+3a)	Especialização em Gastronomia	Ensino Superior Completo	-24%
H	Turismo e Hotelaria (+3a)	Curso em turismo e administração	Ensino Superior Completo	177%

I	Restaurante / Gastronomia (+3a)	Capacitação profissional em Gastronomia e empreendedorismo	Ensino Médio Completo	-9%
J	Veterinária e Varejo (3m a 3anos)	Capacitação em Banho e Tosa	Ensino Superior Incompleto	113%
K	Turismo e Hotelaria (3m a 3anos)	Não possui	Ensino Médio Incompleto	-

Fonte: os autores (2023).

Conforme o Quadro 3, a análise das empresas e dos respectivos níveis de escolaridade de seus empresários permite observar possíveis correlações entre o nível educacional dos empresários e o desempenho em produtividade.

Entre as empresas estudadas, destaca-se a Empresa A, gerida por um empresário formado em Direito e com especialização em Marketing. Localizada em Bom Retiro, no setor de turismo e hotelaria, a empresa teve um aumento expressivo de aproximadamente R\$ 6.900,00 em produtividade. Esse crescimento se deu pelo aumento nas vendas e pela contratação de um novo colaborador, indicando um fluxo maior de clientes. Neste caso, é possível identificar uma correlação positiva entre o alto nível educacional do empresário e o aumento de produtividade.

A Empresa B, situada em São Joaquim e também no setor de turismo e hotelaria, é liderada por um empresário com Ensino Superior completo. Esta empresa apresentou um incremento modesto de R\$ 600,00 em produtividade. O aumento no faturamento superou o crescimento nos custos, mantendo o número de colaboradores estável. Este é mais um exemplo de correlação entre o nível de formação e o desempenho empresarial, ainda que o crescimento seja moderado.

No setor de imobiliária e construção civil em São Joaquim, a Empresa C é administrada por um empresário com Ensino Superior Incompleto e formação como corretor imobiliário. Ela teve um aumento significativo de quase 50% na produtividade, devido ao incremento no faturamento e à redução de um colaborador. Embora o empresário não tenha completado o curso superior, sua formação específica parece ter impactado positivamente o desempenho, evidenciando uma correlação moderada entre escolaridade e produtividade.

A Empresa D, por sua vez, é uma empresa de fotografia e mídias em São Joaquim, cujo empresário possui apenas Ensino Médio, mas realizou o curso de

capacitação empresarial Empretec. Neste caso, a empresa apresentou uma queda na produtividade, com redução no faturamento e aumento nos custos variáveis, gerando uma perda de cerca de R\$ 1.000,00 no indicador. Esta situação sugere que o nível educacional mais baixo do empresário está associado a um desempenho menos favorável, indicando uma correlação negativa entre educação e produtividade.

A Empresa E, uma auto elétrica de São Joaquim, é administrada por um empresário com Ensino Superior incompleto. Ela teve um aumento de R\$ 1.100,00 em produtividade, com crescimento no faturamento e redução nos custos variáveis, além da contratação de um novo colaborador. Este caso também aponta para uma correlação moderada entre o nível de formação e o aumento de produtividade.

Já a Empresa F, uma clínica veterinária em São Joaquim, é dirigida por um empresário com pós-graduação. Apesar disso, a empresa apresentou uma queda de R\$ 3.000,00 na produtividade, resultado de uma diminuição no faturamento e de um aumento nos custos. Aqui, a relação entre alto nível educacional e desempenho não se confirma, pois o maior nível de formação do empresário não resultou em aumento de produtividade.

A Empresa G, que opera um restaurante em São Joaquim, é gerida por empresários que concluíram o Ensino Médio e realizaram cursos técnicos em Gastronomia e empreendedorismo. Embora tenha registrado uma leve queda de R\$ 400,00 na produtividade, a empresa aumentou substancialmente seu faturamento e ampliou o quadro de funcionários. Neste caso, apesar do nível educacional mais modesto, a capacitação específica em gestão parece ter compensado, mostrando uma relação indireta entre educação e resultados empresariais.

Na Empresa H, uma pousada e agência de viagens em Bom Jardim da Serra, o empresário possui formação superior e diversos cursos nas áreas de turismo e administração de empresas. Essa empresa obteve um aumento de produtividade de aproximadamente R\$ 3.000,00, devido ao aumento no faturamento bruto. Essa situação reforça a ideia de uma correlação positiva entre nível educacional e produtividade.

A Empresa I, com duas sócias graduadas, uma delas com especialização em Gastronomia, atua no setor de restaurante e produção de pães em São Joaquim.

Ela, porém, apresentou uma queda de aproximadamente R\$ 1.000,00 na produtividade, mesmo com a contratação de um novo colaborador. Neste caso, o nível educacional mais elevado das empresárias não se traduziu em melhor desempenho, indicando uma correlação negativa entre formação e produtividade.

No caso da Empresa J, com uma sócia proprietária formada no Ensino Médio e capacitada na área de banho e tosa, a empresa apresentou um aumento de R\$ 4.300,00 na produtividade. Esse crescimento ocorreu principalmente devido ao aumento no faturamento bruto, superando os custos variáveis. Neste exemplo, mesmo com nível educacional mais baixo, a capacitação técnica parece ter contribuído para o desempenho positivo, mostrando uma correlação fraca entre escolaridade formal e produtividade.

Por fim, a Empresa K, que não possuía dados na primeira mensuração, registrou um indicador positivo na mensuração final, indicando crescimento durante o projeto.

Essas observações sugerem que, embora exista uma tendência de correlação entre o nível de formação dos empresários e a produtividade de suas empresas, essa relação é complexa e não absoluta. Em alguns casos, o impacto positivo é claro, mas em outros, fatores adicionais, como capacitação prática, condições de mercado e experiência profissional, também desempenham um papel significativo no desempenho empresarial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revela uma gama de nuances que merecem atenção e podem levar a conclusões significativas. O cenário socioeconômico e educacional do Brasil se mostra bastante diversificado, uma constatação que muitos podem validar. Especificamente em Santa Catarina, destaca-se um ambiente mais propício ao empreendedorismo. Com índices econômicos superiores à média nacional, um clima favorável à inovação e a presença de uma estrutura educacional mais sólida, é natural que a sociedade local tenha acumulado um grau maior de prosperidade. Contudo, é evidente que a região serrana enfrenta desafios consideráveis, apresentando o menor Produto Interno Bruto (PIB) do estado, o Índice de

Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo e uma participação reduzida no setor educacional. Esses fatores impactam diretamente o desenvolvimento empresarial na região.

Por outro lado, os resultados da pesquisa revelaram um cenário encorajador. A maioria das empresas entrevistadas, cerca de 63%, registrou aumento na produtividade, enquanto aproximadamente 45% dos empresários tinham formação superior. Essa proporção se destaca, especialmente quando comparada aos dados do relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), que indicam que a maioria dos empresários brasileiros possui apenas o Ensino Médio. A educação dos empresários entrevistados demonstra um nível satisfatório, mas os 45% com ensino superior ainda não constituem a maioria. Essa limitação pode ser atribuída à escassez de instituições de ensino superior na região, que detém o menor número de IES do estado, além da falta de apoio regional para iniciativas empreendedoras e desenvolvimento empresarial, a não ser pelo trabalho contínuo do Sebrae, que atua de forma diligente para mitigar essas disparidades.

Além disso, embora os resultados em termos de produtividade sejam favoráveis, preocupações persistem. Obstáculos significativos, como a falta de mão de obra qualificada e a resistência dos empresários em adotar práticas eficientes de controle financeiro, emergem como desafios a serem enfrentados. Muitas vezes, a implementação de tais práticas ocorre apenas após insistência de terceiros. A corrupção nas esferas executiva e administrativa também é uma questão relevante, sendo influenciada pela descrença política e por comportamentos menos éticos.

O estudo oferece uma visão abrangente da realidade na região serrana, que tem apresentado um crescimento econômico notável. Setores como turismo, serviços, agropecuária e comércio têm desempenhado um papel fundamental na dinamização da economia estadual e regional, possivelmente contribuindo para os resultados positivos em produtividade das empresas. De toda forma, a influência do nível educacional se mostra um fator determinante para os resultados alcançados dentro das organizações, apontando para um aumento na produtividade. Espera-se que esse progresso continue na região, promovendo mais prosperidade para a comunidade e benefícios concretos para seus habitantes.

AGRADECIMENTOS

Ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) “Edital 19/2024”.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Carlos et al. Impactos da educação empreendedora em alunos brasileiros do ensino superior: Um estudo empírico comparando disciplinas obrigatórias e eletivas. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, v. 12, n. 3, p. e2071, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14211/regepe.esbj.e2071>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-superior-graduacao>. Acesso em: 19 out. 2023.

CASTRO-ALVES, Julio et al. Were the socio-economic determinants of municipalities relevant to the increment of COVID-19 related deaths in Brazil in 2020?. **Plos one**, v. 17, n. 4, p. e0266109, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0266109>. Acesso em: 2 jul. 2023.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Global Entrepreneurship Monitor 2021/2022 Global Report: Opportunity Amid Disruption**. London: GEM, 2022. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/report/gem-20212022-global-report-opportunity-amid-disruption>. Acesso em: 10 set. 2023.

GERHARDT, Tatiana Engel *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 67-90, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213854/000728742.pdf?seq>. Acesso em: 19 set. 2023.

GOMES, Almira Ferraz. O empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local. **REA-Revista Eletrônica de Administração**, v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea/article/view/192>. Acesso em: 23 dez. 2023.

HUPALO, Leandro; HÜLSE, Levi. Inovação, produtividade e sustentabilidade: reflexões a partir do Programa Brasil Mais Produtivo na Região Sul do Brasil. **Capital Científico**, v. 22, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/capitalcientifico/article/view/7646>. Acesso em: 23 ago. 2024.

HUPALO, Leandro; BEILKE, Luniele. Estratégias das empresas participantes do Programa Brasil Mais para aumento da produtividade. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, v. 8, n. 1, 2024. DOI: 10.30781/repad.v8i1.16982.

ITELVINO, Lucimar da Silva et al. Empreendedor Social: entre a educação formal e não formal. **Revista Ciências Administrativas**, v. 24, n. 3, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/2318-0722.2018.6167>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MORAES, Joysi et al. Entrepreneurship Education in Socioeconomically Disadvantaged Contexts in Brazil. **Journal of Education and Learning**, v. 12, n. 5, p. 85-101, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5539/jel.v12n5p85>. Acesso em: 11 ago. 2023.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 2 jul. 2023.

ROCHA, Rafael Toniolo da et al. Empreendedorismo e desenvolvimento socioeconômico: estudo com municípios do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 17, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.54399/rbqdr.v17i1.6173>. Acesso em: 19 jul. 2023.

ROSA, Samanda Silva da; ORELLANA, Vívian dos Santos Queiroz; MENEZES, Gabrielito Rauter. Determinantes do Empreendedorismo Feminino no Brasil e Regiões. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 14, n. 4, p. 690-713, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.54766/rberu.v14i4.643>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Indicadores Educacionais Catarinense**. Santa Catarina: SED, 2023. Disponível em: <https://online.anyflip.com/dgybz/xcjr/mobile/index.html>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SANTA CATARINA. Secretaria de Planejamento. **Indicadores Econômicos-Fiscais**. 2023. Disponível em: <https://www.seplan.sc.gov.br/download/boletim-economico-julho/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SANTOS, Ivoneia de Freitas dos et al. Perfil empreendedor dos discentes dos cursos de ciências agrárias da Universidade Federal do Pará no município de Altamira. **Conjecturas**, v. 22, n. 9, p. 330-353, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362753191_Perfil_empreendedor_dos_discentes_dos_cursos_de_ciencias_agrarias_da_Universidade_Federal_do_Para_no_municipio_de_Altamira. Acesso em: 15 ago. 2023.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Quem somos: O CER**. 2022. Disponível em: <https://cer.sebrae.com.br/o-cer/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SEMESP. Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior. **Mapa do Ensino Superior no Brasil**. 13. ed. Ipiranga: Convergência comunicação estratégica. 2023. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/mapa-do-ensino-superior-no-brasil-2023.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SILVA, Carla Patricia de Souza; PEREIRA, Etnny Coelho de Sá; GUIMARÃES, Jairo de Carvalho. Educação empreendedora no ensino superior. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 5, n. 1, 2021. Disponível em: Acesso em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/13733>. 05 nov. 2024.

Biografia dos autores

Vinícius Oliveira Cândido

Possui Bacharelado em Ciências Sociais (UFSC) e experiência como Agente Local de Inovação pelo Sebrae. Atua como gerente de projetos e consultor.

Leandro Hupalo

Doutorando em Desenvolvimento e Sociedade (UNIARP), possui Mestrado em Educação (UFFS), Especialização em Ensino de Matemática e Física (UNOESC) e em Educação Digital (SENAI), Licenciatura em Matemática (UNOESC), em Física (UNIASSELVI) e em Formação para Formadores de Educação Profissional (UNISUL), além de Tecnologia em Processos Gerenciais (UNIASSELVI). Tem experiência como orientador do Programa Brasil Mais do Sebrae. Atua como professor na Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).



Artigo recebido em: 09/05/2024 e aceito para publicação em: 11/11/2024
DOI: <https://doi.org/10.14488/1676-1901.v25i1.5277>